

## **Antônio de Carvalho: agricultor e guardião do Sítio Arqueológico de São Gonçalo da Serra, Sobradinho (BA)**

A Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, possui mais do que uma biodiversidade única, ela abriga também uma das maiores concentrações de sítios arqueológicos do Brasil. Estima-se que sejam mais de 3 mil espalhados por sua extensão. Entre eles, está o Sítio Arqueológico de São Gonçalo da Serra, localizado em Sobradinho, sertão da Bahia.

É nesse território que vive o agricultor Antônio de Carvalho, de 58 anos, guardião de memórias e histórias que atravessam séculos. Filho da terra, Antônio carrega em sua ancestralidade a força do povo Tamuqui, indígenas que habitavam as margens do Velho Chico muito antes da chegada dos colonizadores portugueses.

A poucos metros de sua propriedade, resistem as marcas deixadas pelos povos originários: pinturas rupestres com idade estimada de mais de 9 mil anos. Foi diante desses registros ancestrais que Antônio aprendeu desde cedo sobre a história da comunidade, ouvindo sua família narrar memórias que atravessam gerações.

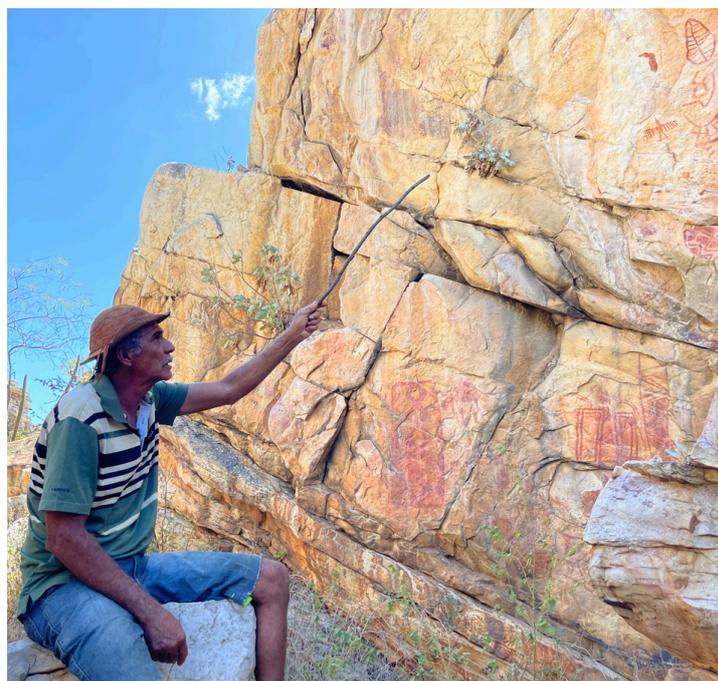
“O que a gente sabe veio de geração em geração. Antes a gente não tinha esse lugar como potencialidade, a gente tinha como lugar de respeito, a gente não falava pinturas rupestres, a gente falava ‘os desenhos dos índios’, as pinturas dos caboclos, sempre tinha aquele respeito porque não tínhamos sido nós que fizemos e elas se mantiveram lá por muito tempo”, conta.

Antônio herdou também o conhecimento da terra, dos ciclos do rio e da vida no Semiárido. Hoje, o agricultor atua como ponte entre passado e presente ao receber durante todo o ano estudantes, visitantes e pesquisadores, para apresentar as pinturas rupestres e outros vestígios da presença indígena, como: cerâmicas e artefatos de pedra, além de partilhar histórias que ajudam a compreender o território.

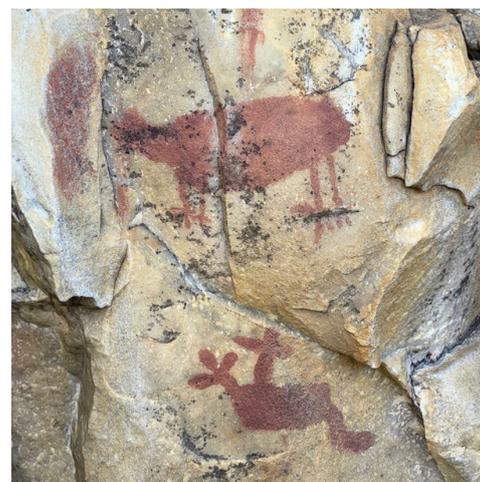
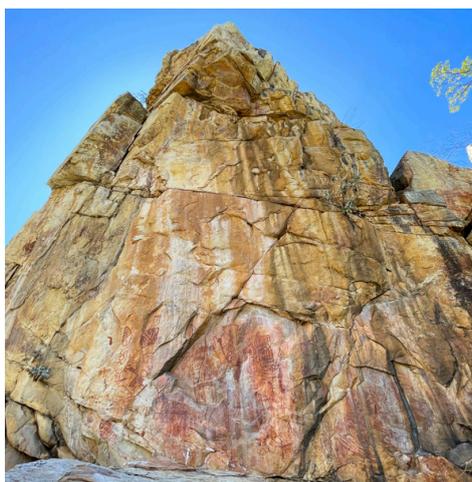
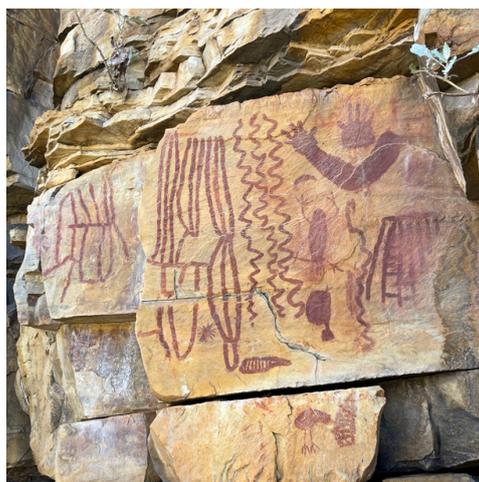
A trajetória da família de seu Antônio é marcada por rupturas que ameaçam seu território. A construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho, na década de 1970, alagou terras de cultivo e provocou deslocamentos forçados na região, atingindo sua família e muitas outras.



*Pinturas rupestres*



*Antônio próximo a um dos painéis de pinturas*



*Pinturas rupestres do Sítio Arqueológico de São Gonçalo da Serra*

“Antes da barragem a gente passava o verão lá onde é a Juacema e o inverno aqui. Só que aqui nunca ficava sem ninguém. A minha avó tinha 10 filhos, ficava três aqui, os outros iam, passavam quatro, cinco dias aqueles três aqui. Aí no dia que era para eles irem para lá, outros vinham para cá. E aí quando foi a época da barragem, nós tivemos que vir com tudo. Na nossa retirada de lá para cá, eu tinha cinco anos, quase seis”, relembra.

Ele lembra que a barragem também transformou a natureza do rio: “quem fazia o controle do rio era a mãe natureza. Hoje não mais, veio o empreendimento, cortou o rio, o peixe que procurava água corrente para reproduzir, parou. O nosso peixe nativo não tem mais.”

Mais recentemente, outro impacto ambiental passou a preocupar seu Antônio e a comunidade: a instalação de torres eólicas na região. O agricultor observa como esses empreendimentos invadem o território, afetam os animais e colocam em risco a vida no Semiárido:

“Os empreendimentos foram ocupando os espaços dos animais, cercando os espaços e botando eles para onde? Para junto da gente. Aqui, no ano passado eu perdi 20 garrotes. Uma onça comeu. Três anos atrás eu perdi duas vacas, um bezerro e um cavalo, a onça comeu. Eu vi o rastro dela e de onde ela estava andando, para onde tem gente, não dava 1km. Dá para dizer que eu vou criar para sobreviver? Tá difícil. Por quê quem não precisa disso para sobreviver tá buscando empreendimento, que nem as eólicas ali pelo outro lado da serra, tirando as onças de lá e jogando para perto das casas onde tá sossegado. Um trem desse aí zuando 24 horas sem parar espanta caça, onça, espanta abelha, espanta tudo”.

Mesmo diante de tantas transformações, Antônio segue lutando para que a história da comunidade não se perca e para que o parque e a natureza sejam preservados.

“A maior preocupação que eu tenho aqui é que se um dia isso acabar, estão me matando junto. Se um dia explorarem aí o meu Cerrado para pôr esses negócios de eólicas, se isso acontecer, eu tô indo junto com o meu meio ambiente, minha natureza. O meu sonho era que um dia isso aqui fosse uma área de preservação, não de destruição. Que fosse preservada para conhecimento e aprendizagem, que mesmo que eu não tivesse mais aqui, que tivesse alguém que falasse um pouco sobre isso, para dizer quem fomos nós, o nosso povo, e de que forma eu defendi a nossa natureza. Agora o melhor era que o nosso universo fosse preservado da forma que ele era. Porque as coisas que geram lucro para os países lá fora só deixam a destruição para nós, não trazem futuro. Porque a natureza é tudo o que nós temos”, defende Antônio.



*Antônio ao lado de sua esposa, Irani Silva, e do filho caçula, Itamar Carvalho*